



AS DINÂMICAS DE USO, NÃO USO E CONTRA-USO DOS PARQUES PÚBLICOS DA CIDADE DE ARACAJU/SE

Larissa Prado Rodrigues

Graduanda em Turismo – Universidade Federal de Sergipe – UFS, Aracaju/SE

larissa4912@hotmail.com

Cristiane Alcântara de Jesus Santos

Geógrafa. Professora do Curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe – UFS, Aracaju/SE

cristie09@uol.com.br

RESUMO: Imersos nas contradições das formas de produção e consumo dos espaços públicos urbanos na contemporaneidade, os parques públicos são equipamentos apropriados para/pelo lazer e turismo, nos quais distintos modos de usos, não usos e contra-usos são estabelecidos. Diante dessas presunções iniciais, este artigo tem por objetivo analisar, especificamente, o Parque da Sementeira e o Parque da Cidade – ambos localizados na cidade de Aracaju/SE – a partir das suas dinâmicas sócio-espaciais. Para isto, utilizamos metodologia baseada na pesquisa quanti-qualitativa que inclui o levantamento bibliográfico, aplicação de questionários estruturados, pesquisas de campo e observações diretas e netnográficas. Como conclusões, observa-se que os parques estudados possuem configurações antagônicas e, por vezes, conflituosas.

PALAVRAS-CHAVE: Parques públicos. Lazer. Turismo.

1 INTRODUÇÃO

Os parques públicos apresentam grande importância social. São entendidos como espaços de lazer em meio ao cenário urbano que proporcionam àqueles que os visitam uma aproximação com a natureza, prática de atividades físicas e de sociabilização, em suma, o usufruto dos elementos que o compõem.

Concomitantemente, os parques públicos são espaços de/para as práticas turísticas, uma vez que apresentam potencial para serem apropriados pelo turismo. A partir dessa apropriação, a demanda turística pode conhecer novos espaços de lazer que caracterizam e revelam aspectos identitários de destinos turísticos. Entretanto, na realidade da cidade de Aracaju, muitos parques públicos não apresentam visitação por



parte dessa demanda por diversos fatores, caracterizando o não uso desses espaços pela atividade turística. Ademais, as questões acerca dos recortes de uso dos parques pelos moradores da localidade também são passíveis de discussão, uma vez que surge a problemática da apropriação dos espaços públicos de, para e por todos, relacionado ao direito à cidade dos cidadãos.

Todavia, apesar dos espaços públicos serem entendidos constitucionalmente como de/para todos os cidadãos, valores sociais se impõem sobre a forma de uso desses espaços. Quando indivíduos ou grupos sociais visam romper com os usos programados e destinados para equipamentos públicos são apontados como geradores de contra-usos (LEITE, 2007). A partir disso, inúmeros conflitos e disputas se estabelecem no espaço urbano, fortalecendo as relações de poder e incentivando, por exemplo, a prática de políticas higienistas.

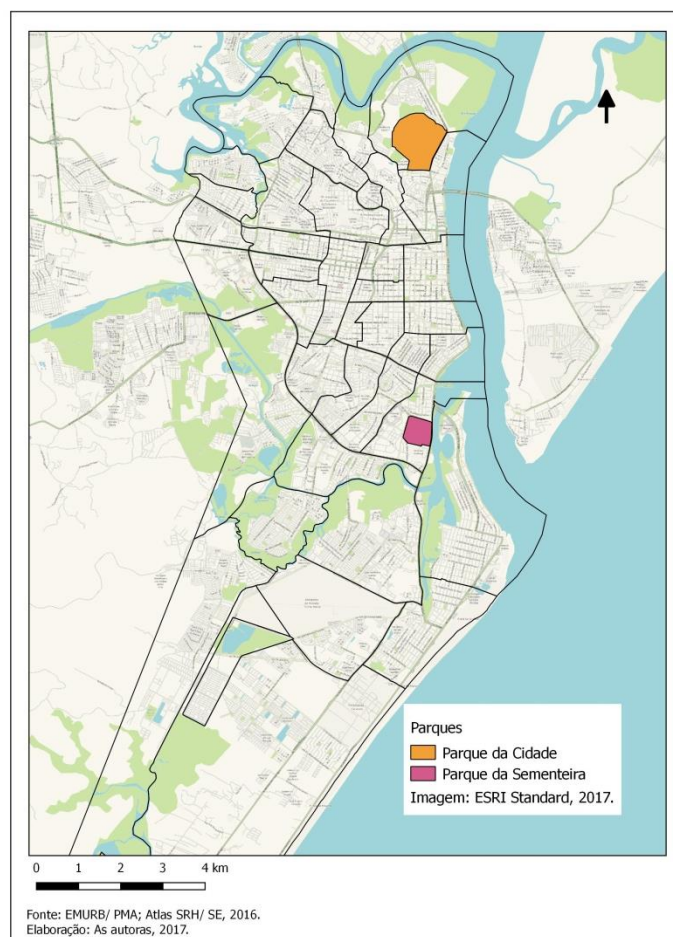
Levando-se em consideração as presunções supracitadas, torna-se de suma importância analisar as dinâmicas sócio-espaciais dos parques públicos, buscando contribuir para a minimização de problemáticas, a fim de que estes possam resultar em espaços públicos, de fato, democráticos, sendo utilizado e apropriado tanto por moradores, quanto por turistas, com aproveitamento máximo de sua infraestrutura custeada com recursos públicos.

Neste sentido, este artigo tem por objetivo analisar o Parque da Sementeira e o Parque da Cidade, localizados na cidade de Aracaju/SE, a partir das dinâmicas de usos, não usos e contra-usos existentes em ambos, a fim de perceber contradições, (des)semelhanças visando compreender e identificar os fluxos para esses espaços urbanos públicos (FIGURA 1).



FIGURA 1

ARACAJU – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO



A partir dos objetivos, elegeu-se como procedimentos metodológicos a pesquisa quanti-qualitativa e do tipo exploratória. A princípio realizou-se o levantamento bibliográfico acerca dos espaços públicos com ênfase nos parques públicos. Posteriormente, foram realizadas pesquisas de campo nos objetos de estudo, propondo uma análise a partir da observação direta dos usos, não usos, contra-usos e potencialidades, bem como por meio da aplicação de questionários estruturados para moradores e turistas.

Para aplicação dos questionários algumas estratégias foram utilizadas dadas as limitações no decorrer da pesquisa. Tendo em vista que não foi possível identificar a presença de turistas no Parque da Sementeira, a aplicação dos questionários foi (re)



direcionada para um dos principais atrativos turísticos da cidade de Aracaju: a Orla de Atalaia, uma vez que neste local há presença constante do turista. Neste sentido, a aplicação dos questionários no ambiente do Parque da Sementeira se deu apenas para um dos públicos-alvo da pesquisa, ou seja, os moradores. A partir dos resultados obtidos nos questionários pode-se compreender o processo de produção e consumo do espaço, assim como, questões relacionadas ao direito à cidade.

No que concerne ao Parque da Cidade, foi possível localizar turistas e moradores no espaço para a realização da pesquisa por meio dos questionários. Entretanto, vale ressaltar que devido a dificuldade de atingir a amostra preestabelecida de questionários junto aos turistas, utilizou-se a mesma estratégia supracitada para que a aplicação fosse concluída.

Também foi realizada análise no site *TripAdvisor* para coleta de dados de visitação considerando os usos manifestados a partir das avaliações dos usuários de ambos os parques.

Em suma, tais procedimentos foram de fundamental importância para verificar os usos, não usos e contra-usos do Parque da Sementeira e do Parque da Cidade, tanto na instância turística como na rotina dos cidadãos aracajuanos.

2 OS PARQUES PÚBLICOS URBANOS: BREVES DISCUSSÕES

Os parques públicos remetem à Antiguidade. No decorrer dos anos, estes ganharam novas dimensões e significados oriundos da Idade Média, até estabelecer-se na cidade moderna. Contudo, os aspectos de proporcionar lazer, contato com a natureza e a representação de poder sempre estiveram presentes (GOMES, 2013).

Com o passar das décadas, os parques públicos passaram a receber influências da era da produção capitalista e da propriedade privada. Quando criados, seu propósito era embelezar os espaços das cidades, proporcionar qualidade de vida e lazer para a



aristocracia. Somente em meados do século XVIII se tornaram espaços públicos a serem utilizados coletivamente.

Posteriormente à Revolução Industrial, no século XVIII, os parques públicos passaram a ter grande importância social quando os trabalhadores em meio ao espaço urbano buscam o lazer, a qualidade de vida e satisfação, pois o trabalho “braçal” nas indústrias originou uma série de problemas psíquicos como o estresse, depressão e outros em decorrência da rotina incessante nas fábricas.

Atualmente, os parques públicos caracterizam-se como espaços de lazer, sociabilidade e/ou preservação ambiental em meio ao espaço urbano, utilizado em sua maioria por residentes da localidade. De acordo com Gomes (2013, p. 62), o parque público na atualidade “é um produto da cidade moderna. Constitui uma reação aos desprazeres da cidade, aos ‘males’ e às precárias condições de vida comuns à cidade industrial”.

Pelo viés preservacionista, os parques públicos constituem-se em espaços de preservação ambiental, de proteção à natureza “selvagem”, de forma a introduzir as tendências de uso racional dos recursos naturais, bem como de educação ambiental. Especialmente no final do século XVIII, surgiram ideais de retorno e valorização a áreas de natureza pura devido a grande exploração do espaço para a concretização e expansão dos processos de urbanização. Em locais já explorados, os parques surgiram como um modo de retratar a natureza em meio às cidades, mesmo que de forma artificial e espetacularizada, se contrapondo ao cenário urbano. Ademais,

Os parques são elementos da paisagem urbana que se inscrevem no espaço construído. Ocupam área específica, demarcada no espaço, sobre a qual se realiza trabalho, obras que permitem o seu uso efetivo. Este trabalho, obras, altera a característica do lugar, espaço onde está inserido. [...] No entanto, dependendo da localização, são apropriados privadamente por classes e interesses específicos (GOMES, 2013, p.61).

A partir da lógica capitalista, sobretudo frisando a acumulação do capital, os parques públicos tornaram-se elementos de valorização da terra, sendo justificativa e estratégia da especulação imobiliária para aumento do valor de imóveis nas



proximidades desses espaços verdes de encontro à natureza, constituindo os bairros de status (GOMES, 2013). Automaticamente, esses espaços acabam por ter seus usos apropriados por aqueles que residem nas proximidades, ou seja, por classes dotadas de maior poder de compra (e troca) e que acabam por possuírem maior acessibilidade.

Por conseguinte, os parques públicos estão, em sua maioria, implantados em locais específicos das cidades e raramente abrangem periferias, subúrbios e locais de população de baixa renda, bem como estes possuem maior manutenção pelo Estado perante os espaços públicos das regiões menos valorizadas, o que demonstra para aonde os investimentos públicos são destinados. Consequentemente, gera-se a segregação sócio-espacial e a ausência do direito ao lazer para os moradores de regiões menos favorecidas que pagam impostos igualmente.

Diante disso, pode-se observar que os parques constituem-se em locais construídos para atender a fins específicos, que podem aumentar ou reduzir o direito à cidade de cidadãos. Neste sentido, os parques públicos são elementos que influenciam na produção do espaço, e por esta são influenciados, traduzindo-se os impactos na forma e momento de consumo.

Dentre suas possibilidades de usos no momento do consumo, podem-se destacar as práticas de atividades esportivas e de lazer (caminhadas, *cooper*, futebol, skate, ciclismo, etc); atividades lúdicas (playgrounds, espaços livres, jogos, brincadeiras, contemplação, encontros, ler, rir); alimentação (lanches, pipoca, sorvete, barracas, feiras, barzinhos, lanchonetes); consumo de elementos paisagísticos (arborização, gratuidade, o verde, a beleza, flores, gramado, lagos e lagoas); consumo de elementos arquitetônicos e urbanísticos (monumentos, quiosques, iluminação, pontes, espelhos d'água, sanitários, bancos, lixeiras); com segurança e manutenção (espaços seguros, tranquilidade, guardiões, zeladores, policiamento) e/ou atividades culturais (eventos, teatro, movimentos, práticas religiosas, festividades) (LOBODA, 2009).

A partir das possibilidades de utilização desses espaços tidos como parques públicos das cidades, torna-se possível pensar sua apropriação não apenas por



moradores e residentes, mas também por turistas que estejam em visita à localidade. Os parques públicos, além de propiciar lazer aos seus cidadãos, “também pode cumprir um papel de atrair turistas, contribuindo para a valorização da paisagem, melhoria da infraestrutura e da qualidade de vida” (LAPA et.al., 2010, p.37). Contudo, esses espaços públicos de lazer ainda são, em sua maioria, desconsiderados como constituintes da oferta turística de uma localidade, o que caracteriza o não uso desses espaços pelos turistas por diversos fatores.

Para o turismo, os parques públicos se destacam por oferecer atratividades relacionadas à paisagem, manifestações culturais, historicidade, arquitetura e atividades lúdicas, itens que são destaques na oferta turística. Com isso, o turista ao visitar os parques públicos de uma localidade pode apreciar a natureza diferenciada do seu local de origem, pois os parques públicos adaptam-se “às utilizações pelos setores turísticos os quais podem trabalhar esse contato com o meio natural como uma forma de introduzir a preservação e educação ambiental” (MACEDO; SAKATA, 2002, p.68 apud BARRETO et.al., 2010, p.25).

Como exemplos, podemos citar as cidades de Curitiba/PR e São Paulo/SP que apresentam parques que são utilizados pelos residentes, porém que também são apropriados pelos visitantes. Em outras cidades, a exemplo da cidade de Aracaju, o não uso desses espaços pelos turistas está associado a deficiente divulgação dos parques públicos, assim como, a não inserção desses equipamentos nos roteiros turísticos locais, principalmente nos *cities tours* ofertados pelas agências de turismo receptivo. Ainda, torna-se importante ressaltar a influência do guia de turismo na não visita desses espaços, tendo em vista que são profissionais que guiam e encaminham os visitantes aos atrativos turísticos.

No entanto, devemos destacar que o tempo de permanência do turista na localidade também influencia na definição dos atrativos turísticos a serem visitados. Este fator se adapta perfeitamente a realidade da cidade de Aracaju, em que está comprovado através das pesquisas de demanda realizadas pelo Governo do Estado, que o tempo de permanência do turista não ultrapassa três dias. Desta forma, o turista opta



por visitar os principais atrativos da cidade e os parques públicos acabam não sendo considerados atrativos turísticos primários.

Neste contexto, a partir de intervenções urbanas realizadas na cidade de Aracaju os parques públicos emergiram e se consolidaram alicerçados em projetos de reurbanização. Porém, seus usos e apropriações merecem análises, tendo em vista que, apesar de serem bens públicos e de usufruto dos cidadãos aracajuanos, em alguns casos, são direcionados às classes elitistas por questões de acessibilidade, especulação imobiliária, entre outros.

3 USOS, NÃO USOS E CONTRA-USOS DOS PARQUES PÚBLICOS DE ARACAJU/SE

3.1 O Parque da Sementeira

O Parque Augusto Franco, popularmente conhecido como Parque da Sementeira está localizado no bairro 13 de julho, área nobre da cidade de Aracaju. No momento de sua implantação, o Parque da Sementeira foi contemplado com diversos elementos que podem atrair a variados públicos, como a demanda turística e os residentes, de forma a constituir potencial para diversidade de usos do local. Dentre os atrativos estão quiosques para piqueniques, lagos, eventos culturais, Casa da Ciência e Tecnologia Galileu Galilei (CCTECA, Planetário), uma vasta área verde com uma horta, parque infantil, espaços específicos para práticas de atividades físicas e ainda projetos como o Natal Luz, dentre outros (FIGURA 2).



Figura 2 – Espaços do Parque da Sementeira em Aracaju/SE. Fonte: Das autoras, 2016.

Em análise dos questionários aplicados aos usuários do Parque da Sementeira, percebe-se que os frequentadores (64%) constituem-se daqueles que residem nas adjacências, bem como possuem grau de escolaridade entre médio e superior com faixa etária elevada. Esses residentes utilizam o parque, em suma, para práticas de sociabilização e de atividade física durante os dias entre segunda e sexta-feira. As populações oriundas de bairros mais distantes e de menor nível de escolaridade e renda, apenas utilizam o parque em finais de semana e feriados.

É certo que isso ocorre em virtude dos residentes das adjacências terem mais facilidade de acessibilidade e poder aquisitivo para residir nas proximidades, resultando assim em um maior direito a usufruir de um espaço público da cidade de Aracaju que deveria ser entendido como um direito, igual, de e para todos.

Neste contexto, destacamos os conflitos que surgem a partir do uso do espaço do parque público pelos residentes de bairros mais distantes em determinados dias da semana – sobretudo de sábado, domingo e feriados – uma vez que os moradores das adjacências sentem-se incomodados com a presença desses indivíduos e grupos sociais (majoritariamente jovens de baixa renda) que utilizam o parque para paqueras, ingerir bebidas alcoólicas, fazer novas amizades etc. Com isso, o consumo do Parque da Sementeira por esses grupos são entendidos como contra-usos, ou seja, usos inadequados segundo os valores dos usuários de alta renda e que, segundo eles, devem



ser controlados pela gestão do parque através da figura dos guardas municipais que se encontram no interior do parque¹.

Percebe-se envolvimento aos discursos dos moradores dos grandes condomínios ao redor do parque que, não apenas os usos diferenciados e “inapropriados” dados por esses jovens são repudiados, mas também o fato de ser oriundo de localidades periféricas, fator que amedronta aos primeiros dado o enorme imaginário social imbuído de preconceito para com esses grupos que resulta em práticas discriminatórias e racistas.

Diante desse cenário, encontra-se a justificativa para o uso do parque pelos moradores, sobretudo nos dias entre segunda e sexta-feira, pois os mesmos evitam estar no equipamento nos finais de semana, período em que outros públicos vindos de localidades mais distantes da cidade de Aracaju estão usufruindo do espaço das mais diversas formas. Por conseguinte, identifica-se dentro da perspectiva analítica a existência da luta de classes levando-se em consideração que a camada de alto poder aquisitivo repudia a presença das classes de baixa renda justificado pelos “contra-usos” dados por esses indivíduos, na qual deve ser mantida a distância e distinção.

A partir desse contexto, os fluxos se configuram: os moradores ao redor do parque não o frequentam/utilizam aos finais de semana e feriados por se autoconsiderarem uma classe superior frente ao público usuário do parque, e que, por conseguinte não deve usufruir dos mesmos espaços, mas sim, consumir aqueles que gerem distinção. Assim, estes estão mais assiduamente no parque nos dias em que a classe proletária se faz ausente do espaço por não poder usufruí-lo dada sua rotina, sobretudo, laboral.

Ao questionarmos os moradores sobre a utilização do parque por turistas, observa-se que há um quantitativo significativo daqueles que afirmam o não uso do parque pelo turista. Esses apontam que os principais fatores que contribuem para não utilização do espaço pelo turista são: a) a falta de divulgação; b) ausência de infraestrutura e, c) inexistência de atrativos capazes de atrair a demanda turística.

¹ Informações extraídas dos questionários aplicados aos moradores da cidade de Aracaju.



Contudo, um quantitativo semelhante apresenta uma percepção positiva para a atividade turística no Parque da Sementeira, tanto de existência desta, quanto para potencialidade.

Diante da pesquisa realizada com turistas encontrados nos principais atrativos da cidade de Aracaju, – sobretudo na Orla de Atalaia, uma vez que o fluxo de turistas especificamente nesse atrativo é constante – observou-se que o Parque da Sementeira é pouco ou não apropriado pela atividade turística, caracterizando assim o seu não uso e não aproveitamento de sua potencialidade em decorrência da falta de divulgação e transmissão de informações da existência do mesmo seja em folders, via *Web* e dentre outros meios comunicacionais para aqueles que vêm à cidade e poderiam realizar visitaço. Tal afirmação é corroborada por 69% dos turistas questionados que afirmaram que não visitaram o parque em razão de não saberem da existência desse espaço.

É importante ressaltar também a não importância dada aos elementos do parque como sendo um atrativo turístico da cidade de Aracaju, sejam pelas agências de turismo receptivo que promovem os *cities tours*, como dos guias de turismo que não os encaminham para visitaço ao parque (mesmo com 81% dos turistas demonstrando interesse em conhecer esse espaço) levando-os apenas aos atrativos escolhidos, caracterizados como principais e representativos da localidade, esquecendo-se da importância que os parques públicos possuem, assim como o seu potencial.

Ademais, não fora possível aplicar questionários aos turistas no campo do objeto de estudo, tendo em vista a dificuldade em encontrá-los nas dependências do parque, podendo-se pressupor que estes não utilizam/utilizaram do Parque da Sementeira em suas visitaço à Aracaju. Em decorrência desse fato, não fora possível obter dados referentes às formas de uso dadas por essa demanda.

Por conseguinte, em exercício comparativo às percepções dos moradores perante essa amostra de turistas, não houve a comprovação de atividade turística realizada no Parque da Sementeira como afirmado por 50% dos residentes entrevistados, com isso não se pode analisar se as atividades citadas por esses quando os turistas realizam visitaço ao espaço são de fato reais e verdadeiras. Contudo, a percepção dos 45% dos



moradores que afirmara não possuir atividade turística no parque fora ratificada juntamente com as razões para não visitação pelos turistas, em que esses apontaram a ausência de divulgação e informação acerca do equipamento como principal razão para não uso do parque.

A partir da realização de pesquisa de campo a um dos equipamentos que compõem o parque, o Centro de Ciência e Tecnologia Galileu Galilei (popularmente conhecido como Planetário), fora encontrado um livro com registros de visitação que comprovou que há a utilização, ao menos do planetário, por alguns turistas oriundos de Salvador, João Pessoa, Goiânia, São Paulo, Distrito Federal, São Luís, dentre outras localidades. Contudo, a maior visitação se dá por pessoas da localidade, ou seja, por residentes da cidade de Aracaju. Sendo assim, não houve percepções de uso e apropriação do parque pela atividade turística apesar de comprovado que há a partir do livro de visitação do planetário.

Ressaltamos também que detectamos visitação por parte dos turistas a partir das avaliações dos usuários do Parque da Sementeira na plataforma do *TripAdvisor*. Percebe-se através das análises das avaliações que existem distintas percepções acerca do Parque. De acordo com uma turista de Ilhéus, o parque da Sementeira é “tranquilo, com área verde para pedalar ou fazer caminhadas. Ambiente agradável. Tem um riozinho com pedalinhas, excelente para levar crianças” (*TripAdvisor*, março de 2016). Já um turista de Minas Gerais afirma que o parque da Sementeira é “muito legal, fica próximo da Orla de Atalaia, tem lagos, ciclovia, lugares para caminhada, ideal para famílias. Vale conferir” (*TripAdvisor*, junho de 2015). Outros turistas que avaliaram o parque na ferramenta do *TripAdvisor* são oriundos do Rio de Janeiro, Pernambuco, Rondônia e Alagoas, e afirmam com frequência a possibilidade da prática de esportes, contato com a natureza, ademais de ressaltarem que o parque é um espaço para estar com a família bem como de sociabilização.

Em síntese, as atividades que podem ser desenvolvidas pelos turistas durante visita e permanência nos espaços e dependências do Parque da Sementeira se constituem em visitar o Centro da Ciência e Tecnologia Galilei Galileu (Planetário),



oficina de papel; conhecer a horta; participar de eventos diversos que ocorrem no parque; desenvolver atividades físicas diversas com possibilidade de alugar bicicletas através do sistema CajuBike instalado no local; etc. Juntamente, realizar práticas de sociabilização como encontros com amigos, cônjuges, piqueniques, dentre outros; apreciar e deslumbrar a grande área verde que há no parque, bem como o lago em sua forma original e com decoração natalina ao final do ano com o Projeto Natal Luz. Comprova-se, assim, que o Parque da Sementeira apresenta potencial, assim como, atrativos diferenciados, capazes de converter esse espaço em um novo atrativo turístico da cidade de Aracaju que poderá ser inserido nos roteiros turísticos locais.

Contudo, diante das análises realizadas dos não usos do Parque da Sementeira, identificou-se que este é pouco apropriado pela atividade turística, isso porque nenhum dos turistas abordados durante a pesquisa havia visitado o parque em questão, afirmando que as agências de turismo de receptivo e os guias de turismo não se apropriam do espaço para a realização de atividades com os turistas que chegam à cidade de Aracaju, sendo assim utilizado em maioria pela população local que reside em suma, nas adjacências.

Já no que tange ao direito à cidade, apoiado nos dados empíricos coletados por meio de questionários estruturados aos usuários do Parque da Sementeira, observou-se que este ainda permanece sendo uma utopia, uma vez que o público predominante que faz uso e apropria-se do espaço são aqueles que residem nas proximidades do equipamento e apresentam alto nível de escolaridade, fazendo uso constante durante os principais dias da semana para práticas de atividade física e lazer.

3.2 O Parque da Cidade

O Parque Governador José Rollemberg Leite, conhecido popularmente como Parque da Cidade, está localizado em uma área de residência de indivíduos de baixa renda, bem como com grande carência de investimentos públicos. Com isso, o Parque da Cidade está situado em uma zona totalmente oposta (zona norte) em relação ao



Parque da Sementeira (zona sul), principalmente no que tange às configurações sócio-espaciais.

Realizado o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo, constatou-se a partir do inventário proposto que o Parque da Cidade apresenta enquanto equipamentos e atrativos de/para visitação: o Zoológico com animais diversos; o Teleférico que encaminha os visitantes em um passeio de 30 minutos para o ponto mais alto do parque, onde está localizado o Mirante da Santa Nossa Senhora da Conceição – símbolo da igreja católica, um pequeno haras em que estão alocados alguns cavalos que auxiliam nas práticas de equoterapia; dois bares/restaurantes, estando apenas um em funcionamento; um espaço não pavimentado utilizado para práticas de futebol; e espaços livres diversos apropriados de diversas formas pelos usuários do parque (FIGURA3).



Figura 3 – Espaços e atrativos do Parque da Cidade em Aracaju/SE. Fonte: Das autoras e Blog Meu Destino, 2016.

No espaço do parque também é possível realizar trilhas, sendo que uma delas dá acesso a um ponto aonde praticantes de asa delta saltam, com vista para a cidade de Aracaju, o Rio Sergipe e a cidade de Barra dos Coqueiros.



Destarte, a partir da aplicação da técnica de observação *in loco* foi perceptível que são dados diversos usos ao Parque da Cidade. Os indivíduos acompanhados de amigos, familiares e cônjuges praticam ações de sociabilização, piqueniques, pequenas caminhadas e entram em contato com os animais livres e enclausurados. No entanto, detectamos pouco uso do teleférico por parte dos residentes. Constatou-se também que o parque apresenta mais usos durante os finais de semana com a demanda predominante de moradores, e contrariamente, que o mesmo é utilizado por turistas mais durante os dias úteis.

Por meio da aplicação de questionários estruturados aos usuários do parque que residem na cidade de Aracaju ou Grande Aracaju, verificou-se inicialmente o perfil desses indivíduos. Assim, enquanto resultados obteve-se que o público predominante constitui-se por mulheres (56%), com faixa etária entre 25 a 34 anos (38%), seguido de 35 a 44 anos (30%). O nível de escolaridade desses visitantes é majoritariamente ensino médio (52%), com tímida presença de formação superior (16%). Com relação ao local de procedência, 54% são oriundos da zona norte da cidade de Aracaju englobando os bairros que estão nas adjacências do Parque da Cidade.

Com esses dados de perfil algumas hipóteses e questões urgem. Primeiramente, é interessante perceber a escolaridade dos inquiridos atrelada aos bairros de procedência, regiões da cidade de Aracaju com extrema carência de serviços públicos de qualidade, bem como onde estão os indivíduos de baixa renda. Além disso, a proximidade desses bairros ao Parque da Cidade atrai consideravelmente essa demanda partindo da hipótese de que a ausência de espaços públicos de lazer para essas comunidades não privilegiadas pelas políticas públicas, os levam a um dos poucos equipamentos (senão o único) em que esses indivíduos podem usufruir o tempo do não-trabalho de forma produtiva, caracterizando-se como um mínimo acesso ao que lhes pertence por direito: as práticas e espaços de lazer.

Diante dessa realidade, constata-se que essas comunidades marginalizadas enquanto cidadãos exercem um pseudodireito à cidade, justificado pela negligência do poder público em prover locais de entretenimento e vivência da cidade (também) para



esses moradores oriundos de regiões não privilegiadas. Por conseguinte, estes ficam privados de participar e compor a dinâmica da cidade no que concerne ao lazer, havendo a necessidade de busca de outros espaços não pensados para atender aos usos realizados por esse público, gerando assim, os contra-usos – fato esse recorrente no Parque da Sementeira, conforme observamos anteriormente.

Ademais, constatou-se que poucos usuários do Parque da Cidade são oriundos da zona sul da cidade, sendo representados por apenas 8% da amostra. Entretanto, quando realizamos o cruzamento com os dados de demanda obtidos no Parque da Sementeira é possível captar as contradições existentes na dinâmica urbana de Aracaju. Isto porque se observou que as pessoas oriundas de bairros distantes e segregadas no que tange às políticas públicas de lazer estão frequentemente presentes no Parque da Sementeira usufruindo de seus equipamentos, sobretudo, aos finais de semana e feriados. Todavia, o movimento contrário de indivíduos da zona sul se direcionando ao Parque da Cidade – zona norte – para suas práticas de lazer não ocorre.

Diante disso, corrobora-se com a perspectiva da luta de classes materializada, de forma intangível e velada, na dimensão espacial urbana na qual a classe burguesa detentora de capital não se direciona para os (poucos) espaços de lazer do proletariado, tendo em vista toda a construção social envolta desses indivíduos, e, sobretudo, da classe. Todavia, essa última classe desfavorecida busca nos espaços da classe dominante usufruir do seu momento de lazer, pois é privado pela máquina estatal (burguesa) de possuir equipamentos de qualidade para que possa usufruir nos seus momentos do não-trabalho.

Neste sentido, durante os dias úteis os grupos com poder aquisitivo para residir nas proximidades do Parque da Sementeira o usufruem, e aos finais de semana são menos presentes, uma vez que a classe dominada está a consumir os espaços – de propriedade quase privada das grandes construtoras, transferida para os condôminos no ato da compra dos imóveis –, gerando usos e contra-usos que geram estranhamentos e reforço de estereótipos construídos para inferiorizar a classe proletária. Por conseguinte,



conflitos e entraves são traçados no espaço urbano, referenciando que a luta de classes permanece na contemporaneidade.

Já no que tange aos usos do Parque da Cidade, a demanda residente aponta que quando estão usufruindo das áreas do parque desenvolvem atividades de visitação ao zoológico, caminhadas, gincanas, leituras e “evangelizações”², socialização, observam a paisagem e a natureza, piqueniques, descanso, levam as crianças para brincar, etc. Pouco é citado o uso e consumo do passeio do teleférico por essa demanda, uma vez que os mesmos relatam o alto valor na taxa para ter acesso ao equipamento, o que levaria ao uso exclusivo deste pela atividade turística, cabendo a administração do parque adotar medidas de inclusão e democratização do uso, levando-se em consideração que o público é majoritariamente desprovido de recursos financeiros para ter acesso ao teleférico.

Ademais, também se notou que os moradores não se apropriam do parque para usos relacionados à atividade física (como corridas a pé e utilizando a bicicleta, por exemplo), o que é comum em parques públicos e recorrente no Parque da Sementeira, conforme constatado.

No tocante à relação entre o Parque da Cidade e a atividade turística, 82% dos residentes questionados opinam que o parque é utilizado por turistas *versus* 18% que não acreditam nessa apropriação. Em justificativa para não utilização do espaço do parque por turistas, os 18% afirmam que não há divulgação, segurança, atrativos, infraestrutura, bem como pela desorganização ligada à má administração dos equipamentos e atrativos, fatores esses que contribuem para o não uso do parque pela atividade turística. Por outro lado, os que afirmam que há o uso turístico opinam que, apesar de haver a visitação por parte da demanda turística, esta ainda é pouca (61%). Estes também afirmaram o alto potencial que a área apresenta para o aproveitamento e desenvolvimento de atividades turísticas (também) pelos eventos que são realizados no interior do parque.

² Atividade ligada diretamente a rituais religiosos.



Quando questionados acerca dos usos e atividades que os turistas realizam nas dependências do Parque da Cidade, os residentes que apontaram que há uso do parque pela demanda turística (82%) afirmam que os turistas visitam o zoológico, o teleférico, apreciam a natureza e a paisagem, tiram fotos, visitam o Mirante da Santa, repousam e fazem piqueniques. Desses questionados, 54% já presenciaram turistas no parque e 46% nunca os notaram. Os que já visualizaram os turistas no parque indicaram que o turista estava realizando atividades de visitação ao zoológico, passeio no teleférico e tirando fotos (dos animais do zoológico e da natureza).

Pressupõe-se, perante as informações e dados coletados, que o Parque da Cidade apresenta grande potencial para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das práticas turísticas em suas dependências dado os atrativos que apresenta, sendo reconhecido pelos próprios usuários, muito embora haja inúmeras considerações no que tange à necessidade de melhorias desse espaço. Todavia, a relação do Parque da Cidade com o turismo se destaca frente ao Parque da Sementeira, uma vez que este é pouco apropriado pela demanda turística e pelo próprio *trade* turístico.

Para além dos dados obtidos com base nos questionários estruturados, concretizaram-se conversas informais com os moradores usuários do Parque da Cidade. Nos discurso foi recorrente a preferência por outros parques de Aracaju – como o Parque da Sementeira –, sem justificativa aparente. Os questionados também lamentam pelas atuais condições do Parque da Cidade, uma vez que, segundo os residentes, o parque deveria ser mais valorizado, levando-se em consideração seu espaço *in natura* com reserva de mata atlântica.

Diante disso, alguns levantaram questionamentos e apontamentos no que concerne à supervalorização do Parque da Sementeira no imaginário coletivo frente ao Parque da Cidade, tendo em vista que o último apresenta mais atributos e atrativos. Partindo de análises anteriormente realizadas tendo por base o Parque da Sementeira, pressupõe-se que a localização deste pode contribuir e ser um fator de impacto para a preferência deste espaço frente aos outros parques, levando-se em consideração que está alocado em uma área com alto valor de troca estabelecido pelo mercado, agregando



imaginários e construções sociais que atraem as populações de diversos pontos da cidade.

No entanto, é interessante perceber como o turista está mais presente no Parque da Cidade e apresenta mais interesse em visitá-lo do que em relação ao Parque da Sementeira, sendo que por diversas vezes na aplicação de questionários notou-se que a demanda turística não sabia que este equipamento existia na cidade de Aracaju. Assim, observa-se que o morador percebe o Parque da Sementeira como espaço preferencial; já o turista tem o Parque da Cidade como sua principal referência de parque público na cidade de Aracaju; ou seja, turista e morador apresentam percepções distintas acerca dos mesmos espaços urbanos.

Posteriormente à pesquisa de campo realizou-se a observação netnográfica na plataforma do *Tripadvisor*, na qual foram encontradas 473 avaliações de usuários acerca do Parque da Cidade. Dessas, 17 avaliações foram selecionadas para compor a pesquisa de acordo com critérios de distinção nas percepções. Nelas encontram-se críticas, sugestões, em suma, percepções positivas e negativas das experiências dos turistas nesses espaços. São visitantes oriundos, majoritariamente, da região sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro), seguido da região nordeste (Bahia e Pernambuco) e da região sul e centro-oeste (Mato Grosso do Sul, Paraná e Brasília).

Nas avaliações, os visitantes apontam para o teleférico enquanto um atrativo turístico e elogiam o espaço por ser “arborizado, verde, amplo, limpo”. Ainda, relatam que as tarifas do teleférico são baixas; a dificuldade de acesso pelo parque encontrar-se um pouco afastado do centro da cidade, como também pela ausência de sinalização; etc. Entretanto, severas críticas acerca do zoológico são citadas recorrentemente, bem como à aparência de abandono do Parque da Cidade com ressalvas para a segurança e infraestrutura. Nesse sentido, observa-se que o turista possui também um olhar crítico tanto quanto os residentes da localidade, e de mesmo modo, informados quanto aos aspectos relacionados à segurança que está suscetível a ação de meliantes.



No que concerne aos contra-usos do Parque da Cidade, destaca-se os inúmeros assaltos que são realizados no espaço dado a grande lacuna existente na segurança, bem como o contexto de grandes níveis de pobreza e vulnerabilidade nas adjacências do parque. Tem-se, nesse sentido, como impacto principal a inibição de novos usos que poderiam ser configurados tanto por turistas, quanto por moradores, definindo, automaticamente, não usos e desperdício do potencial do parque para as mais diversas práticas de lazer e turismo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em análise comparativa, observa-se que as dinâmicas de uso, consumo e apropriação dos espaços públicos são distintas, até mesmo em equipamentos que apresentem fins similares e estão alocados na mesma cidade, como é o caso do Parque da Cidade e o Parque da Sementeira.

No primeiro, os usuários o frequentam de forma tímida durante os dias úteis, mesmo aqueles que residem nas proximidades. Diferentemente dessa realidade, no Parque da Sementeira os indivíduos que residem nas adjacências se fazem presente mais assiduamente durante os dias da semana, utilizando do espaço para práticas de esportes, o que já não é percebido pela demanda do Parque da Cidade que faz diferentes usos do meio.

Com isso, ao enfatizarmos as utopias que estão associadas ao direito à cidade, apontamos para uma crítica radical ao planejamento tecnocrático realizado pelo Estado e suas formas de reducionismo dos espaços públicos a meros objetos do mercado, como no caso do Parque da Sementeira, em que o equipamento é entendido como mercadoria, servindo, maiormente, à especulação imobiliária e, conseqüentemente à lógica do capital. Já no caso do Parque da Cidade, apesar de se configurar como um atrativo e de estar inserido nos roteiros turísticos locais, percebe-se que há necessidade de se estabelecer estratégias e ações que visem à melhoria do espaço não somente para os turistas, mas, sobretudo, para os residentes.



Desta maneira, esses espaços poderão ser apropriados por turistas e pelos cidadãos aracajuano, tendo em vista a multiplicidade de sentidos que estes espaços representam para a sociedade em função da cultura, hábitos, costumes, que não pode ser negligenciados.

5 REFERÊNCIAS

BARRETO, Débora de Carvalho Muniz, *et.al.* Parque Augusto Franco – Aracaju/SE: As diferentes formas de apropriação dos espaços públicos. In: **Anais do 1º Seminário de Turismo e Geografia**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010. p. 22-34. (CD-ROM)

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **Os parques urbanos e a produção do espaço urbano**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Revista Lutas Sociais**, Rio de Janeiro. n. 29, p.73-89, 2012..

LAPA, Daniella Lisboa. Percepções do uso turístico do espaço urbano: Estudo sobre o Parque da Sementeira. In: **Anais do 1º Seminário de Turismo e Geografia**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010. p. 35-47. (CD-ROM)

LEFEBVRE, Henri; FRIAS, Rubens Eduardo Ferreira (Trad.). **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008.

LEITE, R. P. **Contra-usos da Cidades**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Aracaju, SE: Editora UFS, 2007.

LOBODA, Carlos Roberto. Espaço Público e Práticas Socioespaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, Vol. 1, p.32-54, 2009.